

MEGALITISMO E TRADIÇÃO MEGALÍTICA NO CENTRO-NORTE LITORAL DE PORTUGAL: BREVE PONTO DA SITUAÇÃO

por

Fernando A. Pereira da Silva*

Resumo: Neste texto o A. passa em revista, de modo sucinto, os dados adquiridos em 10 anos de investigação arqueológica na região do Centro-Norte Litoral de Portugal, no âmbito do fenómeno megalítico — tema da Dissertação de Doutoramento a apresentar à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em preparação.

Tomando como ponto de partida as escassas informações existentes para o megalitismo da região (cujos trabalhos pioneiros se iniciaram há cerca de 40 anos), enriquecidas com os resultados das campanhas arqueológicas até ao momento efectuadas, leva a cabo uma primeira abordagem global dos diferentes megalitismos reconhecidos para a região de estudo. Organizando os *tumuli* segundo uma tipologia ternária, distingue-os entre os monumentos «megalíticos», «sub-megalíticos» e de «tradição megalítica», avaliando as especificidades inerentes a cada «tipo». Para tal a sua análise passa quer pelas estruturas monticulares, como pelas áreas deposicionais, ao mesmo tempo que define o posicionamento de cada uma delas.

Procura ainda estabelecer um primeiro quadro geográfico da distribuição espacial dos diferentes monumentos, definindo diferentes manchas de dispersão para cada caso.

Na sua análise, o A. avalia também as relações entre os espólios e os diferentes monumentos, estabelecendo um quadro geral de presença/ausência dos diferentes tipos de artefactos pelos túmulos considerados.

Como primeiras conclusões o A. constata a diversidade das sepulturas sob montículo artificial, internamente ligada a uma diacronia acentuada; a pervivência de artefactos laminares de que sobressaem os geométricos; a falta acentuada das pontas e artefactos polidos e a ausência quase absoluta de metal.

O quadro cronológico-cultural é apenas aflorado, por falta de dados seguros embora aponte para os megalitismos do Centro-Norte Litoral um «arranque» que não se deverá afastar do que se conhece para outras regiões (meados/finais do IV milénio a.C.), com uma fase terminal materializada pelas sepulturas de «tradição megalítica», já em plena Idade do Bronze.

Palavras-Chave: Megalitismo. Sub-megalitismo. Tradição megalítica.

Abstract: In this paper the author presents a first analysis of the «megalithisms» of the «Centro-Norte Litoral» of Portugal. He tried to analyse them through systematic archaeological field survey

* Est. Dout.^o. Fac. Letras Univ. do Porto.

and modern excavations carried out by himself in the last 10 years) in the light of the locational analysis and mortuary practices (depositional areas and artefactual types).

He establishes that there are three types of burial mounds: «megalithic», «sub-megalithic» and non-megalithic or «of megalithic tradition» — all of them have in common a burial mound. He also observes that there are some grave goods that are permanently in association in the «megalithic» graves: geometric microliths, blades and perforated beads — the arrow-heads and the polished axes are almostly absent, and the metal is very rare.

In spite of the absence of radiocarbon dating, the author believes that the barrows would begin to be built from the late mid-fourth millennium b.C., with a final phase represented by the burial mounds of the «megalithic tradition» in the Bronze Age.

1. INTRODUÇÃO

Falar de megalitismo no Centro-Norte Litoral, decorridos dez anos sobre os primeiros trabalhos pós-modernos na região é-nos muito gratificante, já que todo o espaço geograficamente assim definido se revelou como o “coração” do megalitismo do Entre-Douro-e-Mondego, só comparável com as regiões a norte do Douro.

Efectivamente, e pese embora alguns trabalhos pontuais, de menor fôlego, realizados em regiões “político-administrativas”, o panorama que hoje se abre à compreensão desse fenómeno diacrónico que abarcou todo o ocidente peninsular é do maior alcance, fruto de todo um projecto de investigação sistemática que, desde 1983, aí se vem realizando.

Cerca de quarenta anos nos separam dos primeiros trabalhos aqui efectuados e, se tais investigações deram um grande contributo para preencher o vazio com que a região era considerada, os estudos sistemáticos que se lhe seguiram, em que os monumentos agrupados em necrópoles ou núcleos, nas suas relações com o meio, são a base da investigação, vieram demonstrar a especificidade de um megalitismo que, se não desconhecido totalmente, foi sempre, pelo menos, uniformizado pelas tendências redutoras/difusionistas que, por tempo demasiado, prevaleceram na Arqueologia portuguesa.

Tais concepções baseavam-se em prospecções quase inexistentes, escavações mal conduzidas e privilegiando os grandes monumentos, registos inexistentes ou pouco claros, etc., etc. Dois ou três monumentos escavados eram então mais que suficientes para o estabelecimento de teorias condizentes com os pressupostos teóricos admitidos.

Aturado trabalho de campo e escavações sistemáticas vieram demonstrar os erros cometidos, de tal modo que dez anos de estudos sistemáticos foram suficientes para desmontar toda uma estrutura de pré-conceitos e falaciosas interpretações.

A partir do trabalho já desenvolvido e dos dados adquiridos iremos procurar dar uma panorâmica, necessariamente breve, do estado actual com que se

apresentam ao investigador, nesta região, as práticas funerárias durante a Pré-história recente e que se caracterizam invariavelmente pela existência de tumulações sob montículo funerário, quer se trate de sepulturas verdadeiramente megalíticas, “sub-megalíticas” ou, ainda, de “tradição megalítica” que, não raras as vezes, compartilham um espaço comum.

2. A REGIÃO

Sob a designação de Centro-Norte Litoral entendemos uma vasta área que se estende entre a margem esquerda do Rio Douro a Norte e os limites da Bacia do Vouga a Sul; para Este está delimitada pelo Rio Paiva e pelos cimos aplanados da Serra de Montemuro; a sudeste a delimitação passa pelas serras da Gralheira¹ e do Caramulo; a Ocidente o limite é marcado pela costa atlântica (Est. I).

A região assim definida tem como factor uniformizador e caracterizador, a influência atlântica, caindo toda ela dentro do que Orlando Ribeiro designou de “Norte Atlântico” (RIBEIRO, 1986: 145-149).

Fortemente influenciada pelo mar, apresenta níveis pluviométricos elevados, com médias anuais que chegam a ultrapassar os 2000 mm. O clima é ameno, particularmente no litoral, tornando-se progressivamente mais agreste à medida que avançamos para as “Montanhas Ocidentais”, sem contudo atingir as amplitudes térmicas que caracterizam o “Portugal Central”.

Geologicamente, estamos perante uma região caracterizada por três formações principais: a dos granitos hercínicos, a dos xistos de Idade Câmbrica ou Pré-Câmbrica² e as formações sedimentares Plio-Plistocénicas³. Se estas últimas se localizam no extremo ocidental da área de estudo, o Litoral, já com os granitos e com as rochas pertencentes ao complexo xisto-grauváquico a situação é diferente: representando a principal mancha geológica do Centro-Norte Litoral, tanto correm paralelas entre si, como se misturam, chegando mesmo em certos pontos a intersectarem-se - exemplo claro desta situação encontramos-na na Serra da Freita (sector norte-ocidental do Maciço da Gralheira), onde o Caima se despenha de grande altura, por uma garganta estreita, na zona de transição dos granitos com os xistos-metamórficos (FERREIRA, 1978: 219-222).

¹ Sob esta designação incluem-se as serras da Freita, Arada e Arestal.

² Os diversos AA. que trataram do assunto não são unânimes na designação a adoptar para o complexo rochoso genericamente designado por “xisto-grauváquico”.

³ Cf. Teixeira e Zbyszewski, 1976.

Estes factores contribuem para que a região apresente uma orografia caracterizada pelas médias altitudes, as quais se distribuem em cinco patamares: entre 0 e 200 metros da Orla Atlântica/Plataforma Litoral; os 200 e 400 metros do rebordo das “Montanhas Ocidentais”; os 400 e 600 metros do médio relevo (encontramos aqui a maior percentagem de *tumuli*); os 600 e os 800 metros dos *plateaux* intermédios; as cotas superiores a 800 metros, dos cumos aplanados dos maciços montanhosos de Montemuro, Gralheira e Caramulo.

Derivados da constituição geológica, os solos agrupam-se em quatro manchas principais, de Este para Oeste: Cambissolos húmicos, Cambissolos húmicos associados a Luvisolos, Cambissolos húmicos associados a Cambissolos dístricos e os Podzóis órticos, associados a Cambissolos dístricos (no sector meridional da Bacia do Vouga) - a Orla Atlântica apresenta ainda Regossolos dístricos e Cambissolos húmicos associados a rochas sedimentares post-Paleozóicas⁴.

Do ponto de vista hidrográfico, toda a região é caracterizada pela abundância de água: sulcada por inúmeros ribeiros, afluentes dos principais cursos de água (Douro, Vouga e Paiva), que dão à região uma feição marcadamente “ribeirinha”. Esta abundância de água, mesmo nas regiões mais continentais, propicia uma agricultura intensiva, em que o destaque principal vai para o milho - nas terras altas o milho, com menor capacidade de resistência, cede o lugar ao centeio. De um modo geral, porém, o solo tem uma utilização florestal, encontrando-se grandes manchas de solos incultos tanto a Nordeste como a Sudeste - Montemuro, Gralheira e Caramulo⁵.

Acompanhando a agricultura, a criação de gado é também uma particularidade da região: gado bovino e suíno nas terras baixas, ovinos e caprinos em regime de pastoreio, nas terras altas do interior (actualmente, a presença de gado bovino, mesmo nas terras altas, começa a fazer-se sentir, sem contudo ultrapassar o número de cabeças que caracteriza os rebanhos de ovinos-caprinos).

Em resumo, estas são algumas das características ecológicas recentes que encontramos para o Centro-Norte Litoral que, embora constituam um bom ponto de partida, para a abordagem à macro-escala, pecam por não poderem, até ao momento, ser cotejadas com os necessários resultados de análises de paleoecologia, imprescindíveis para um correcto conhecimento do meio ambiental em que decorreu a vivência das populações que enterraram os seus mortos em sepulturas sob montículo artificial que às centenas “povoam” ainda hoje a região.

⁴ Cf. Atlas do Ambiente, Esc. 1/1.000.000.

⁵ Cf. Atlas do Ambiente, Esc. 1/1.000.000.

3. OS TUMULI: MEGALITISMO VERSUS TRADIÇÃO MEGALÍTICA

De modo idêntico ao constatado noutras regiões peninsulares, falar de “megalitismo” hoje em dia constitui um reducionismo a que os dados arqueológicos não dão tréguas. Com efeito, quanto mais o monumento *per si* deixa de ser o ponto fulcral de estudo e se passa a alargar a investigação ao núcleo, à necrópole, mais se vai afigurando claro que as grandes sepulturas sob montículo não constituem o testemunho funerário exclusivo de cerca de três milénios de arquitectura tumular.

Vemos os *tumuli* “elevarem-se”, complexificarem-se, impõem-se à paisagem circundante mas, também assistimos à sua “minimalização”, à sua absorção pela paisagem. Embora mantendo alguns aspectos exteriores, comuns às grandes “colinas artificiais”, tanto a sua implantação paisagística como os espaços deposicionais funerários neles contidos, sofreram alterações: agora, o meio físico impõe-se-lhes como algo de pré-existente e as sepulturas perderam grande parte da sua carga simbólica (os espaços sepulcrais parecem, nesta fase, integrar-se nos “territórios” dos vivos, de forma mais fluída, menos marcante).

Contudo, estamos ainda longe da “uniformização”⁶ sepulcral que iremos encontrar com as “sepulturas planas” que, a pouco e pouco, se vão substituindo às práticas de tumular sob montículos artificiais (não custa admitir que algumas daquelas sepulturas, que hoje se nos apresentam sem qualquer revestimento significativo exterior, não o tivessem anteriormente, podendo tê-lo perdido por variadas razões⁷).

Apesar deste *crescendum* das tumulações de “tradição megalítica”, o desenvolvimento das práticas funerárias entre o IV milénio e os finais do II milénio a. C., não é linear, nem decorreu de modo invariável na área considerada: se constatamos uma generalização das sepulturas sob montículo, em que predominam os *tumuli* de médias dimensões, a todo o Centro-Norte Litoral, tal não pode escamotear a existência, em regiões mais ou menos localizadas, de tumulações de “tradição megalítica” que percentualmente predominam sobre os “*tumuli* megalíticos”.

Razões de ordem cronológico-cultural são por certo as responsáveis pela emergência de tais novas “fórmulas” de enterramento que se irão sobrepôr, no tempo e no espaço, às tumulações em montículos artificiais bem destacados na paisagem, mantendo contudo uma certa identidade entre si, como iremos ver.

Na área de estudo constatamos que os *tumuli*, independentemente do seu aspecto volumétrico, se distribuem entre os montículos artificiais constituídos

⁶ Esta “uniformização” deve entender-se em sentido genérico.

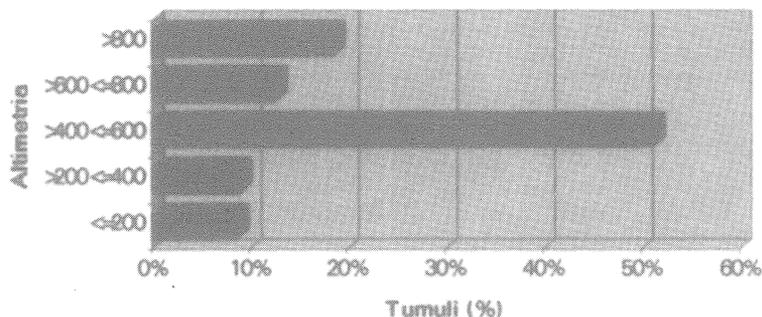
⁷ Devido a revolvimentos agrícolas, terraplanagens para fins “industriais”, etc.

por terra, de terra e pedras ou só de pedras, encerrando no seu interior espaços deposicionais funerários de tipologia e dimensões variadas.

Com estas características são já várias as centenas de túmulos que temos registados no Centro-Norte Litoral, apesar do aspecto degradado com que os encontramos, na maioria dos casos. Efectivamente, quer do litoral para o interior, das terras altas para as terras baixas, podemos afirmar sem reservas que não houve espaço algum onde não tenham sido construídas tais sepulturas, muito embora possam ser constatadas algumas variabilidades percentuais na sua distribuição.

De facto, tomando-se como referencial a altimetria a que encontramos tais monumentos, verificamos que, se nenhum “patamar” escapou à “necropolização”, é contudo nas cotas compreendidas entre os 400 e os 600 metros que é maior a densidade daqueles, com implantações que variam entre as chãs/rechãs e os *plateaux*, com todas as gradações intermédias, conhecidas⁸.

GRÁFICO I



Distribuição altimétrica percentual dos *tumuli* do Centro-Norte Litoral.

Por outro lado, num número significativo de exemplos, caminhos antigos passam-lhes ao lado, assim como muitos deles foram utilizados como marcos de divisão administrativa mas, o factor talvez mais relevante, é o que se prende com a posição “altaneira” que frequentemente apresentam: “ver e ser visto” é por certo a característica mais marcante de grande parte destes monumentos - se podem ser observados de grandes distâncias, não é menos verdade que um observador que neles se coloque, poderá desfrutar todo um conjunto paisagístico, várias léguas em redor, sem obstáculos de monta (isto no que se refere às

⁸ Cf. Silva, 1985.

aparentemente “mamoas megalíticas”, na feliz expressão do Prof. Oliveira Jorge⁹, pois que para os pequenos túmulos, a situação é de um modo geral diferente).

Esta aparente “normalidade”, quanto às características de localidade e visibilidade, comuns à grande maioria dos túmulos, não a encontramos quando deixamos a estrita análise espacial dos mesmos e nos voltamos para a sua componente arquitectónica: cada mamoa encerra um determinado conjunto arquitectónico que lhe é próprio, mas que a distingue das suas congéneres, tornando-a num único caso, numa entidade única.

Partindo-se da análise dos monumentos já estudados, pôde-se constatar que aqueles se distribuem, grosso modo, entre as “mamoas megalíticas”, as de “tradição megalítica” e um terceiro grupo que, à falta de melhor designação, referiremos como “mamoas sub-megalíticas”¹⁰.

3.1 As “mamoas megalíticas”

Embora em toda a região de estudo exista uma elevada taxa de ocupação do espaço natural pelos túmulos, os quais ocupam pontos bem marcados na paisagem, do ponto de vista volumétrico não estamos perante monumentos de grandes dimensões (estes denotam, inclusivamente, uma certa raridade). Se exceptuarmos uns quantos casos, os *tumuli* do Centro-Norte Litoral caracterizam-se pelas suas dimensões médias, pressupondo espaços deposicionais funerários de pequeno a médio tamanho. Este tamanho não impede, porém, que muitas das sepulturas caiam dentro da designação tradicional de “megalíticas”, ainda se maioritariamente as mamoas não revelam à simples observação a tipologia daquelas.

3.1.1. As estruturas tumulares

O facto de possuírem maiores ou menores dimensões, estarem mais ou menos aplanadas ou até mesmo terraplanadas, nada diz da sua constituição arquitectónica, enquanto invólucro protector e relevante da sepultura que envolve. Só com a escavação arqueológica se vê facultado o acesso à estrutura dos *tumuli*.

No Centro-Norte Litoral, o enquadramento tipológico das mamoas ditas “megalíticas”, constatado no decurso das nossas intervenções arqueológicas, é

⁹ Cf. Jorge, 1989.

¹⁰ JORGE, V. O. (s/d), *Contributo para um léxico do megalitismo*, FLUP, Porto, 5 pp. (dact.).

o seguinte:

- A) Mamoas sem couraça, com anel lítico de contenção periférica.
- B) Mamoas com couraça, espessada na periferia e envolvendo o *tumulus* por inteiro.
- C) Mamoas “pétreas” (ou “*cairns*”).

Além destes tipos, as arquitecturas tumulares sem couraça, contam com as seguintes variantes ou sub-tipos:

- A.1) Mamoas sem couraça, com coroa circular lítica, envolvente, na superfície monticular.
- A.2) Mamoas sem couraça, com coroa circular lítica composta por grandes blocos, inserida na massa monticular.
- A.3) Mamoas sem couraça, com coroa circular lítica, na superfície monticular e uma outra inserida na massa tumular.

Embora estes tipos e sub-tipos os encontremos, de um modo geral, disseminados por todo o Centro-Norte Litoral, podem-se também constatar algumas variabilidades regionais. Temos que o grupo mais comum e mais expandido em área é o das mamoas com couraça lítica, as quais predominam nas designadas, por Brum Ferreira, “Montanhas Ocidentais” (FERREIRA, 1978: 203-255). Constituem o grosso dos túmulos e vêmo-los invariavelmente agrupados em núcleos ou necrópoles (os casos em que estes *tumuli* se apresentam actualmente isolados - distanciados de outros, 100 metros ou mais¹¹, são pouco significativos). Este padrão de dispersão encontramos-lo tanto nas regiões graníticas, como nas de xisto, dando a entender que a matéria-prima não foi factor condicionante da construção das sepulturas.

Esta realidade não pode porém escamotear o facto de que, a partir do rebordo daquelas montanhas, em direcção ocidental, a malha de dispersão se retrai para, já na Plataforma Litoral, se assistir a uma quase que completa ausência de tais tipos arquitectónico-tumulares. Temos assim que a necropolização da paisagem, pelas “mamoas megalíticas” com couraça envolvente, se distribui por uma área que se estende de Norte a Sul e de Este a Oeste do Centro-Norte Litoral, sendo manifesta a sua retracção e mesmo inexistência (até ao momento não temos conhecimento que existam destes tipos de túmulos na faixa mais ocidental da área de estudo) na Plataforma Litoral, embora o seu retraimento se

¹¹ Distância padrão comumente aceite.

comece a notar já desde o rebordo montanhoso oriental¹².

Segundo uma ordem de importância, em termos percentuais, seguem-se-lhe as mamoas desprovidas de carapaça lítica. No geral, de maiores dimensões que as precedentes e ocupando zonas aplanadas, abertas, têm a sua principal localização na Plataforma Litoral, estando quase que ausentes das “Montanhas Ocidentais”, embora a sua área de “extensão” se alongue até ao rebordo oriental daquela Plataforma, com alguns escassos exemplares. À semelhança das mamoas “tipo B”, ocupam também pontos elevados da paisagem embora menos marcantes que aquelas: essencialmente, implantam-se nos limites de cotas altimétricas, com particular empatia pelo seu rebordo. A massa terrosa da sua composição é invariavelmente o xisto argiloso, o que as torna muito compactas e de difícil abordagem arqueológica: planimétrica e estratigráfica.

Por último, as “mamoas pétreas”, “tipo C”. Estas, constituem um escasso número. Geralmente encontramos-las inseridas nos núcleos ou nas necrópoles de mamoas de “tipo B”. Conotadas com uma fase tardia, no âmbito das “mamoas megalíticas”, a sua dispersão confina-se às “Montanhas Ocidentais”: ocupam cotas intermédias mas também (mais raramente) as cotas mais elevadas.

A sua constituição é predominantemente feita à base de blocos graníticos ou xistentos, de acordo com as características geo-morfológicas das regiões onde foram erguidas. São também monumentos volumetricamente imponentes mas não ocupam pontos tão destacados como as mamoas “tipo A” ou “tipo B”, pelo contrário: a sua inserção, ao fazer-se em áreas onde já existem outras mamoas, leva a que ocupem posições descentradas, quer nos núcleos quer nas necrópoles. Também de modo idêntico aos *tumuli* de “tipo A”, o seu estudo arqueológico é dificultado pelo tipo de estrutura que apresentam.

Os materiais líticos utilizados na construção destes montículos artificiais, parecem ser provenientes dos locais onde as mesmas foram implantadas, tratando-se genericamente de materiais de superfície - todos apresentam faces erodidas e inexistência de verdadeiras arestas (“ângulos” boleados ou rombos), testemunhando o seu carácter “rolado” de materiais de superfície. Além destes materiais sem vestígio algum de antropização, contam-se outros que terão feito parte do instrumental lítico “industrial” das comunidades que construíram tais monumentos; referimo-nos aos moinhos manuais, tanto moventes como dormentes: fracturados uns, completos outros, foram indistintamente utilizados em alguns *tumuli* como material de construção. Noutros, a sua colocação foi menos prosaica: oferendas rituais?

¹² O rebordo oriental marca como que uma “fronteira” entre tais monumentos (para oriente) e as “mamoas de terra” para ocidente, embora estas últimas também apareçam documentadas para Este daquele acidente geográfico.

Ainda como elementos integrantes das estruturas líticas de algumas mamoas, contam-se grandes blocos, grosseiramente afeiçãoados e fracturados, que sugerem ortostatos de áreas deposicionais funerárias pertencentes a outros monumentos.

Em qualquer dos casos referidos, tudo indica que não houve limitações algumas que impedissem a construção dos monumentos.

3.2 As mamoas de “tradição megalítica”

Desconhecemos (para a região considerada), quando começaram a ser construídas as primeiras sepulturas não megalíticas ou de “tradição megalítica”. De um modo geral é comumente aceite que tais novas práticas deposicionais funerárias começam a surgir com a afirmação da importância da metalurgia e do incremento das trocas comerciais, em que os bens de prestígio teriam um papel preponderante (alguns AA. fazem remontar esse tráfico de “items de prestígio” às primeiras comunidades de metalurgistas), levando à emergência de “élites” cujo poder se centraria não já tanto no vínculo ancestral mas na detenção e acumulação de tais “items de prestígio”.

Para o nosso caso (Centro-Norte Litoral), o registo arqueológico parece rebater aquela “tese” que suporta a emergência de novas práticas funerárias directamente ligadas à posse de “bens de prestígio”, pois nas sepulturas não encontramos o menor indício de tais ocorrências. Pelo contrário, aquelas revelam um certo “empobrecimento” material, donde estão ausentes os artefactos comuns nas sepulturas de épocas anteriores, a que não foram acrescentados novos “items”. Tais sepulturas devem testemunhar uma “reforma” mais radical das sociedades do que aquilo que poderíamos ser levados a pensar.

Daí que em nosso entender, embora se assista a uma “reforma” das tradicionais práticas mortuárias, aquela não perdeu de vista os vínculos que a ligavam às práticas mais tradicionais.

Em termos estruturais, o primeiro pormenor que caracteriza estas mamoas é o reduzido “espaço” que ocupam na paisagem, tanto em diâmetro como em altura. Se estas características exteriores nos chamam de imediato a atenção, não é menos verdade que são também as responsáveis pelo desconhecimento a que geralmente têm sido votadas, pela dificuldade que representa assinalá-las na paisagem, visto geralmente se confundirem com o micro-relêvo ou com os tufo de vegetação. Daí que o seu estudo, na generalidade dos casos conhecidos, deva muito ao acaso.

Na região em que desde há uma década temos vindo a estudar o fenómeno “megalítico”, em face da cartografia exaustiva que vimos realizando, vários têm

sido os montículos não megalíticos assinalados. Por tal motivo possuímos um razoável conhecimento de tais monumentos, na vertente monticular, distributiva e de enquadramento espacial, assim como da sua composição interna (alguns deles foram já objecto de estudo). A todos estes monumentos funerários, pelo facto de possuírem algumas “semelhanças” estruturais externas, idênticas às das “mamoas megalíticas” designámo-los por “*tumuli* de tradição megalítica”.

3.2.1. Estrutura dos *tumuli* “não megalíticos”

Para quem contacte de perto com estas sepulturas, por certo se terá dado conta do quão difícil é a sua identificação, pela simples razão de que não se “impõem” à paisagem como as “mamoas megalíticas” mas, pelo contrário, são como que absorvidas por essa mesma paisagem. Outra característica, também ligada à primeira, relaciona-se com a sua própria implantação, a qual parece excluir toda e qualquer arbitrariedade, ou o simples jogo do acaso - de modo idêntico às “mamoas megalíticas”.

Efectivamente, quando se procede à cartografia de tais túmulos, imediatamente nos damos conta que, independentemente da altimetria (as principais manchas de dispersão destes monumentos encontram-se nas regiões planálticas de média altitude das “Montanhas Ocidentais”) a “regra” geral da sua implantação é o oposto das grandes “colinas sepulcrais”. Agora, mais que torná-las observáveis de longas distâncias, relevando-as na paisagem, imprime-se-lhes uma certa “comunhão” com a Natureza: a monumentalidade foi reduzida a níveis tais que, em alguns casos, a altura destes montículos (contada da base ao topo) não alcança os 0,50 metros e o diâmetro, raramente ultrapassa os 7/8 metros e foram construídos em sectores aplanados da paisagem, em chãs deprimidas, em que a omnipresença do relevo se lhes impõe de tal modo que os faz confundir com esse mesmo relevo, tornando inapercebível a sua existência¹³.

Apresentam uma implantação que privilegia as áreas aplanadas e deprimidas, entre afloramentos, e distribuem-se no terreno, quer de forma “isolada”, em núcleo, em necrópole, satelizando “mamoas megalíticas” ou mesmo inseridas nos *tumuli* megalíticos (sepulturas periféricas 1 e 2 de Aliviada 2).

Apesar destas “novas” práticas funerárias, que correspondem à perda da monumentalização das formas tradicionais de enterramento e a uma certa

¹³ Embora seja a regra geral, casos existem em que os monumentos ocupam pontos destacados da paisagem. A título de exemplo podem-se referir os *tumuli* não megalíticos (de tradição megalítica) implantados no cimo aplanado do Monte Moroço (S. Pedro do Sul /Oliveira de Frades), à altitude de 638 m, ou a pequena mamoa no cimo aplanado da Barraca, Mamoa 2 da Barraca, à altitude de 930 m (SILVA, 1992: 245).

“pulverização” ou proliferação das sepulturas, mantêm-se alguns traços que permitem que se fale de pervivências ancestrais: o aspecto visual da sepultura, a sua estrutura e técnica construtiva.

Com efeito, de modo geral, todos estas sepulturas são... mamoa. E se aqui o termo “mamoas” não tem já a carga semântica que caracterizava as “mamoas megalíticas”, não é menos verdade que aquele termo continua a manter toda a actualidade - montículo artificial, de perfil mamelar, envolvendo um espaço sepulcral (mesmo as sepulturas periféricas de Aliviada 2 não fogem a este princípio, ao tomarem como “hospedeiro” uma (aquela) mamoa).

Tais túmulos apresentam porém uma variabilidade estrutural menos acusada do que a verificada para as “mamoas megalíticas”: *tumuli* pétreos, ou “cairns” e *tumuli* de terra. Na sua constituição entram elementos líticos de granito, quartzo ou xisto, dependendo a percentagem de cada um destes elementos da composição geológica do substrato da região onde foram erguidos. A matéria-prima que invariavelmente está presente em todas as sepulturas é o quartzo, seja incluído nas massas pétreas dos “cairns”, seja ao nível das carapaças líticas, onde têm uma função de regularização daquelas.

Os *tumuli* pétreos compõem-se de uma estrutura central, ou “cairn”, de planta circular a sub-circular, lembrando os contrafortes das câmaras sepulcrais megalíticas e contendo no centro a área deposicional funerária; periféricamente, a mamoa era rodeada por um anel lítico de contenção, sendo tudo recoberto por uma massa informe de pedras em quartzo, xisto, algum granito e terra à mistura¹⁴.

Os *tumuli* de terra são constituídos por uma massa terrosa, no centro da qual possuem um anel lítico que circundava a área sepulcral. O todo funerário era recoberto por um montículo de terra, revestido por uma carapaça lítica composta por xisto, granito e quartzo, em percentagens variáveis. Uma variante a este tipo possui anel de contenção periférica em granito - única alteração assinalada.

No geral, a aparência externa dos dois tipos de pequenas colinas tumulares não revela diferenças significativas, tanto ao nível do volume, como da implantação, demonstrando uma mesma tradição de sepultar sob montículo, a qual entroncará as suas raízes no passado “megalítico”.

¹⁴ Variantes deste tipo estão representadas pelas sepulturas “periféricas” 1 e 2 de Aliviada 2, respectivamente: espaço sepulcral em fossa ou “cinzeiro”, recoberto por uma carapaça de pedras de pequeno a médio tamanho; uma área sepulcral definida por lajes graníticas dispostas de modo a formarem uma pirâmide, no centro de um “cairn” de lajes também em granito, imbricadas em escama.

3.3 As “mamoas sub-megalíticas”

Sob esta designação inclui-se um, para já, reduzido grupo de mamoas, em tudo idênticas às “mamoas megalíticas”, tanto em termos volumétricos, como do ponto de vista da sua implantação geográfica.

A este grupo de monumentos, que aparenta estar ainda muito ligado à tradição da construção das grandes colinas funerárias, mas que por outro lado (ao nível das áreas deposicionais) parece apontar no sentido da perda da monumentalização, rumo às pequenas sepulturas sob montículo (de “tradição megalítica”), pode ser designado de grupo das “mamoas sub-megalíticas”¹⁵, na medida em que não sendo verdadeiramente “mamoas megalíticas”, também não podem ser incluídas no grupo dos pequenos *tumuli*.

Os dois casos por nós estudados, localizam-se em *plateaux* das “Montanhas Ocidentais”: um no patamar dos 400/600 metros de altitude a.n.m.m. e o outro no patamar dos 800/1.000 metros a.n.m.m.¹⁶

Ambos se integram em necrópoles de mamoas, em que coexistiam especialmente *tumuli* de “tradição megalítica” e mamoas, aparentando tratar-se de “mamoas megalíticas”. Cada um ocupa uma posição proeminente no conjunto dos *plateaux*, necropolizados¹⁷: dominando linhas de água e terrenos agrícolas, no primeiro caso; sobrepondo-se a vastas extensões de terreno, hoje de utilização florestal, o segundo. Também em ambos, os construtores implantaram-nos sobre afloramentos de xisto - os dois planaltos apresentam um substrato rochoso que se integra na unidade geológica designada por “Xistos da Beira” (TEIXEIRA, 1980: 14), o que artificialmente contribuiu para relevar a sua altura.

3.3.1. Estrutura dos *tumuli* “sub-megalíticos”

Quanto à estrutura das referidas “mamoas sub-megalíticas”, ela é em tudo idêntica aos *tumuli* “tipo B”, ou seja: montículos basicamente constituídos por terra, recobertos por carapaça lítica que se espessa na periferia, formando um anel de contenção periférica.

¹⁵ Vid. nota 10.

¹⁶ Pedra da Moura 4/Cerqueira 3 e Souto do Coval 1, estão também implantados no patamar dos 400/600 metros, embora numa região granítica; Gestosa, no patamar dos 0/200 m; Carvalho Mau, no de 400/600 m.

¹⁷ Pedra da Moura 4/Cerqueira 3 embora se destaque volumetricamente e ocupe um ponto central da chã, comparte esta com dois outros *tumuli*, de maiores dimensões, um dos quais aparenta conter uma cista megalítica (Pedra da Moura 5/Cerqueira 2), como na necrópole de Carvalho Mau, em que dois outros monumentos disputam o mesmo espaço, se bem que Carvalho Mau 3 seja periférico aos dois outros *tumuli*.

A carapaça que envolvia por completo os montículos, em ambos os casos apresentou-se muito degradada, sendo constituída basicamente por elementos líticos xistentos, acompanhados de quartzos¹⁸. Quanto à contenção periférica, também em xisto, enquanto no primeiro caso ela se tratava verdadeiramente de um espessamento da couraça, assente directamente sobre o afloramento de xisto, no segundo caso o anel de contenção periférica (em xisto), foi obtido a partir da colocação de lajes de xisto, fincadas na alterite de base, sendo tudo recoberto por elementos pétreos da mesma matéria-prima.

Estruturalmente, a composição dos montículos era feita à base de terras xisto-argilosas muito compactas, assentes sobre o substrato rochoso de base.

4. OS ESPAÇOS DEPOSICIONAIS FUNERÁRIOS: ARQUITECTURAS

Após a apresentação breve da diversidade das estruturas monticulares, iremos de seguida debruçar-nos, também de forma sucinta, sobre as áreas deposicionais funerárias cobertas por aqueles. Embora a grande maioria das sepulturas não possa ser identificada à simples observação, já que as violações e as várias destruições que os monumentos sofreram, causaram a perda irremediável de grande parte das áreas deposicionais, existem porém exemplares ainda em número significativo (a que se acrescentam os conhecidos na sequência das nossas próprias intervenções arqueológicas), para que se possam avaliar as tendências tipológicas de tais monumentos.

A terminologia adoptada segue de perto a utilizada para os *tumuli*, daí que consideremos as arquitecturas agrupadas entre as “megalíticas”, as “sub-megalíticas” e as não megalíticas, ou de “tradição megalítica”.

Dentro desta divisão agrupamos as diferentes sepulturas, as quais poderemos subdividir tipologicamente, em dois tipos principais: câmaras simples e câmaras com corredor (no caso das sepulturas “megalíticas”); câmaras “sub-megalíticas”¹⁹, para aquelas arquitecturas que não podem ser incluídas nas puramente “megalíticas” nem nas “cistas”; sepulturas em “cista”, das tumulações não megalíticas ou de “tradição megalítica”.

¹⁸ Em Pedra da Moura 4/Cerqueira 3 e Souto do Coval 1 é basicamente constituída por elementos pétreos em granito.

¹⁹ “...de relativamente pequenas dimensões, embora mantendo as características da construção megalítica...” (JORGE, s/d: 3). Embora Vítor Oliveira Jorge não se refira à mamoa, parece-nos que a mesma deve ser tomada em linha de conta, tanto mais que estes monumentos estão inseridos em mamoas clássicas, distinguindo-se dos restantes ao nível das áreas deposicionais internas.

4.1 Arquitecturas megalíticas

Neste grupo incluem-se genericamente dois tipos arquitectónicos: as sepulturas simples e as de corredor, com variantes tanto no respeitante às plantas das câmaras, comprimento dos corredores e relação câmara/corredor, em planta e alçados. Não analisaremos cada caso *per si*, mas de forma global referiremos as características que aproximam ou diferenciam os monumentos entre si, de forma a que a brevidade do texto não impeça uma visão global da diversidade arquitectónica que caracteriza na região as áreas deposicionais funerárias.

4.1.1. Sepulturas simples

Estas são, sem qualquer dúvida, as estruturas arquitectónico-funerárias predominantes no território do Centro-Norte Litoral. Efectivamente, por toda a região depara-se com a presença esmagadora das câmaras simples, de plantas diversas.

De um modo geral apresentam planta poligonal, tendencialmente sub-circular, de pequenas a médias dimensões. Estas câmaras funerárias, de que os exemplares melhor conservados têm como matéria-prima o granito, são constituídas por ortostatos em número variável, os quais se organizam distribuindo-se lado a lado, sendo menor o número daquelas em que os esteios ladeiam uma “pedra-mestra”: a laje de cabeceira (esta apresenta normalmente maiores dimensões que as restantes, ao nível da largura). Os ortostatos tanto se encontram dispostos topo a topo, como se sobrepõem uns aos outros. O conjunto assim definido apresenta um recorte tronco-cónico, sendo o seu equilíbrio conseguido pela colocação da laje de cobertura, de dimensões possantes²⁰.

Além da laje de cobertura, pousada sobre os esteios, os construtores destas câmaras megalíticas abriram valas onde inseriram os ortostatos, calçando-os com terra e pedras miúdas; noutros casos, apenas a laje de cabeceira foi inserida num alvéolo aberto no substrato rochoso, distribuindo-se as restantes lajes de encontro a esta, nela se apoiando. Reforçando a segurança destas arquitecturas foram ainda construídos anéis líticos de contrafortagem, constituídos por blocos de dimensões variáveis, sendo o todo envolvido por fim pelo *tumulus*. Esta solução arquitectónica é a que prevalece nos monumentos da região porém, num caso, não foram detectadas estruturas de contrafortagem alguma, escorando-se as lajes umas nas outras, para as quais tinham sido abertas, previamente, valas onde

²⁰ Na região apenas uma câmara poligonal simples possui laje de cobertura, o Dólmen de Paranho de Arca.

aquelas foram colocadas²¹.

Existem ainda outros pormenores construtivos que importa realçar: existência, em determinados monumentos, de pequenas lajes planas, colmatando os intervalos entre os esteios, dispostas tanto pelo exterior como pelo interior, cravadas no substrato rochoso e ainda vestígios nítidos de afeiçoamento em ortostatos, quer para facilitar a junção entre si, quer também para que as lajes de cobertura assentassem em equilíbrio perfeito e fechassem hermeticamente a câmara funerária²².

Após estas breves considerações genéricas sobre as estruturas arquitectónicas dos “dólmen” ou “antas”, debrucemo-nos um pouco mais em pormenor sobre a sua tipologia, ao nível das plantas e alçados:

a) De planta poligonal e poligonal tendente ao circular

Neste grupo incluímos quer câmaras de dimensões avantajadas, ou de pequenas dimensões, abertas ou fechadas. A sua distribuição espacial não é toda a mesma como temos constatado, ainda que se detectem “infiltrações” de umas e outras nas mesmas áreas. A título de exemplificação sucinta, parecem detectar-se três grandes áreas sub-regionais: para Este e Este-Sudeste das “Montanhas Ocidentais”, em contacto com o planalto alto-beirão, assistimos a intrusões de câmaras poligonais/sub-circulares de grandes dimensões, principalmente em granito, abertas ou fechadas, de que o exemplar melhor conservado é o Dólmen de Paranho de Arca/Espírito Santo de Arca, na Serra do Caramulo (Est.II, 6; Est. III, 1).

Acompanhando estas câmaras existem outras, de dimensões mais modestas, mas ainda assim megalíticas, como o Dólmen 2 da Mamoa da Portela da Anta (PANTA.I.2) ou, no extremo Norte-Nordeste, nos planaltos de Montemuro, a Mamoa da Senhora das Antas, a qual encerra uma pequena câmara poligonal muito desmantelada.

Uma outra área, mais litoral, compreende os planaltos de média altitude (do Maciço da Gralheira até ao rebordo da Plataforma Litoral), a Oeste, onde encontramos (para além de uma grande diversidade de tipos arquitectónicos) monumentos de menores dimensões, maioritariamente poligonais e que, na Bacia do Arda, têm a sua melhor expressão, ainda que se apresentem muito destruídos: câmaras poligonais, tendentes ao circular, da Mamoa de Gozendas, a câmara

²¹ Exemplo típico encontramos-lo na câmara megalítica do Taco 1, Albergaria-a-Velha.

²² No Dólmen de Paranho de Arca/Espírito Santo de Arca, tanto os esteios têm vestígios de afeiçoamento nas suas superfícies, como os topos foram afeiçoados para apoio da pedra de cobertura.

poligonal da Mamoa 10 da Urreira, da Mamoa 1 do Calvário, Mamoa 1 de Alagoas, da Mamoa 1 de Couto de Mós, da Mamoa de Vilarinho ou, mais a norte, a Mamoa da Quinta da Laje, por exemplo, só para referir apenas algumas áreas deposicionais funerárias, pois nesta região geográfica o predomínio vai inquestionavelmente para as sepulturas megalíticas de câmara poligonal²³.

Pode-se ainda considerar um sub-grupo, o das câmaras poligonais alongadas, como as da Mamoa 2 da Aliviada (Est.II, 7), Mamoa 4 da Aliviada ou ainda a da Mamoa 1 do Castelo, entre outras.

Num terceiro grupo podem-se incluir os monumentos da Plataforma Litoral: grandes *tumuli* encerrando avantajadas câmaras poligonais, como em Taco 1 (Est.II, 5) ou na Mamoa da “Mama da Galinha”, a par com câmaras poligonais de menores dimensões como a da Mamoa 2 do Taco e a da Mamoa da Malaposta, etc.

Em todos estes casos os esteios detêm sensivelmente a mesma altura, distribuem-se topo a topo e, apenas num caso, têm marcação nítida da cabeceira (Paranho de Arca), do mesmo modo que também só num caso a entrada da câmara é marcada por um estrangulamento efectuado pela colocação, topo a topo, de dois esteios de menor tamanho que os restantes (Taco 1). Em contrapartida, desconhece-se se as câmaras terão contido algum revestimento interno, do tipo lajeado. Em Calvário 1 e Taco 1 foram assinalados níveis de areia sobre os quais se encontrava o espólio (Calvário 1 contava mesmo um nível de terras concrecionadas, semelhante calcáreo, muito compactas, em que as lâminas e demais espólio se encontravam aderentes)²⁴.

b) Sub-quadrangulares e sub-rectangulares

A estes tipos sepulcrais corresponde uma área geográfica muito localizada e um número reduzido de exemplares. De facto, quer as sepulturas, sub-quadrangulares quer sub-rectangulares têm uma expressividade muito limitada no Centro-Norte Litoral.

De planta sub-quadrangular apenas conhecemos um caso, a câmara da Mamoa da Pedra da Moura 5/Cerqueira 2 (Est.II, 3), a partir da informação em Albuquerque e Castro *et al*: de acordo com a planta publicada por aqueles

²³ Torna-se difícil avaliar se se tratarão de câmaras abertas ou fechadas, pois sem excepção se encontram muito destruídas. Como câmara fechada pode-se considerar a de Castelo 1 e aberta a do Calvário 1.

²⁴ Destas terras foram recolhidas amostras enviadas para análise através da Zona Agrária local, desconhecendo-se até ao momento quer os resultados daquela, assim como o paradeiro das terras.

investigadores²⁵ temos uma área deposicional formada por quatro esteios dispostos em ângulo recto (no canto inferior Este, da planta, a mesma não tem indicação alguma de que aí tivesse existido um esteio a fechar o polígono).

De planta sub-rectangular temos apenas um único exemplar: Aliviada 1 - também no Maciço da Gralheira mas no sector voltado a Oeste-Noroeste²⁶, formada por nove esteios em granito (Est.II, 10; Est.III, 2). Em qualquer dos casos citados estamos perante monumentos integrados em necrópoles de mamoaas, em que predominam as câmaras megalíticas, mas em que também estão presentes sepulturas de “tradição megalítica”.

Para a maioria destas câmaras, quer sejam abertas ou fechadas, não há uma distinção nítida entre uma possível “laje de cabeceira” e os restantes ortostatos, com excepção apenas em Aliviada 1, em que a laje do topo tem um recorte sub-triangular, desenvolvendo-se os esteios de um e do outro lado daquela, sugerindo a “gramática” arquitectónica das câmaras poligonais com corredor²⁷.

Também em altura não há diferenças de monta entre as lajes do topo e as restantes, colocando-se todas elas sensivelmente ao mesmo nível. Quanto ao revestimento das sepulturas, desconhece-se se tiveram algum e de que tipo.

4.1.2 Sepulturas com corredor

Este grupo de sepulturas tem uma expressão muito reduzida no Centro-Norte Litoral. Com efeito, não ultrapassam em muito a dezena de exemplares documentados²⁸. Os poucos monumentos deste tipo, assinalados na região, não

²⁵ Retomada por Ana Bettencourt (BETTENCOURT, 1988/89: 12). Provavelmente também Pedra da Moura 6 poderá ser incluída neste grupo, segundo a descrição de Albuquerque e Castro *et al.* (CASTRO, 1957: 14).

²⁶ Caindo já dentro do sector sud-occidental da Bacia do Arda. Trata-se do único monumento deste tipo, ainda com estrutura megalítica.

²⁷ Este monumento foi “escavado” por Pinho Brandão, segundo o “método” do poço vertical. Em 1983/84, foi “restaurado” por Fernando A. Pereira da Silva, a partir daquela área de escavação, sem que houvesse lugar à escavação da mamoa. Em Pedra da Moura 5/Cerqueira 2, a laje mais espessa sugere a mesma situação.

²⁸ É provável que o seu número seja mais expressivo que aquele de que actualmente dispomos. Porém, em face dos testemunhos arqueológicos constatados e dos testemunhos apercebidos ao longo de uma década de prospecção sistemática do território considerado, tudo aponta no sentido de que as sepulturas de corredor são um fenómeno tardio que não mereceu a “popularidade” das câmaras poligonais. Mais ainda se torna evidente tal situação se tomarmos em linha de conta que se houve monumentos que desde muito cedo mereceram a atenção dos investigadores e dos “amadores”, foram sem dúvida alguma os monumentos de corredor, pela monumentalidade que geralmente apresentavam, ao contrário das câmaras poligonais, donde ao cotejarmos os monumentos de corredor “estudados” em épocas recuadas, fácil é constatar que na região os monumentos de corredor não alcançam a percentagem que encontramos em outras regiões como, por exemplo, a Beira Alta ou o Alentejo (mesmo aqui, se exceptuarmos os estudos sistemáticos dos Leisner, continua a verificar-se uma lacuna quando tentamos averiguar especificamente o megalitismo “sem corredor”).

têm uma zonação geográfica precisa, como acontece com as câmaras poligonais. Porém, parece detectar-se uma certa tendência para que seja nas regiões de contacto, ou influenciadas directamente pelos planaltos alto-beirões, que se torna mais “densa” a mancha das áreas deposicionais com corredor. Efectivamente, é para oriente das “Montanhas Ocidentais” que a percentagem das sepulturas providas de corredor é mais evidente, particularmente na versão de “corredor longo”, embora este tipo arquitectónico não esteja completamente ausente do Centro-Norte Litoral.

Parece pois definir-se uma oposição clara entre as câmaras poligonais simples e as de corredor, penetrando estas últimas muito dificilmente nos “territórios” daquelas, as quais se irão manter até tarde.

Embora agrupadas sob a designação de “sepulturas de corredor”, há uma certa diversidade tipológica entre si, quer se trate das câmaras, quer dos corredores: câmaras poligonais, com corredores longos a médios; poligonais tendencialmente circulares, com corredores médios; câmaras poligonais sub-rectangulares ou “trapezoidais”, com corredores curtos. Em todos os casos temos que as sepulturas de corredor são duplamente diferenciados, tanto em planta como alçado, mesmo se num monumento como o dólmen 1 da Mamoia da Portela da Anta, o lado norte da câmara pareça “prolongar” o corredor (Est.II, 16). Tal deve-se antes à deslocação dos esteios que formam a câmara por esse lado, sob a pressão do *tumulus* pétreo.

a) Câmaras poligonais, com corredores longos

Este grupo de monumentos tem uma dispersão acentuadamente oriental, ao longo dos planaltos beirões e prolongamentos para Norte-Noroeste e Norte-Nordeste (Maciço da Gralheira e Serra de Montemuro). Podem-se inserir neste grupo os seguintes túmulos: a Anta do Coval/Mamoia de Ouguedêlo (Est.II, 13; Est.IV, 1)²⁹; a Pedra da Moura 1³⁰ ou Cerqueira 1 (Est.II, 14; Est.IV, 2)³¹ e a Anta do Juncal³². É bem provável que o monumento designado por “Casa da Orca”, referido por Amorim Girão³³ e Irisalva Moita³⁴, como se tratando de uma

²⁹ GIRÃO, A. 1921: 66-68.

³⁰ CASTRO *et al.*, 1957: 10-12.

³¹ BETTENCOURT, A., 1989: 85-113.

³² Monumento referido tanto por Amorim Girão como por Irisalva Moita (GIRÃO, 1921: 65), (MOITA, 1966: 226). Também a ele se referem PEREIRA, E. *et al.*, 1980: 65, sem nada acrescentarem de novo. Em deslocação efectuada ao local pudemos constatar que se trata de um dólmen de câmara poligonal e corredor longo, tipologicamente aparentado com a Anta do Coval/Mamoia de Ouguedêlo.

³³ GIRÃO, 1921: 47-48.

³⁴ MOITA, 1966: 218-219.

sepultura em “galeria” (Est.II, 12), não seja mais do que um dólmen de câmara poligonal (destruída esta) e corredor longo, tanto mais que na região não há tradição alguma de sepulturas em “galeria”.

Estes monumentos são duplamente diferenciados, em planta e alçados, com os esteios do corredor, uniformemente, de menor tamanho que os da câmara.

b) Câmaras poligonais com corredores médios

Estes monumentos, de que para a região considerada, apenas se conhecem escassos exemplares, o Dólmen 1 da Mamoa da Portela da Anta (PANTA.I.1) (Est.II, 16; Est.V, 1), o Dólmen da Mamoa 4 de Alagoas (este muito destruído) (Est.II, 17), o Dólmen da Mamoa 1 de Carvalho Mau (Castelo de Paiva), entre outros, têm uma localização diversificada. Os casos referidos têm a seguinte implantação: o primeiro, no patamar acima dos 800 metros dos cimos aplanados do Maciço da Gralheira, Serra da Freita; o segundo, no patamar dos 400/600 metros do médio relevo das “Montanhas Ocidentais” e o terceiro, no patamar dos 200/400 m ³⁵ do rebordo montanhoso daquelas montanhas.

Estes monumentos parecem reflectir o prolongamento para Norte e Oeste-Noroeste dos dolmens alto-beirões, particularmente Alagoas 4, visto que naquele sector do Centro-Norte Litoral se desconhece por completo a existência de monumentos de corredor (Carvalho Mau 1, construído com lajes de xisto, pode também ser incluído na mesma ambiência)³⁶.

Já para o dólmen de corredor da Mamoa da Portela da Anta o seu enquadramento com os dólmens de corredor da Beira Alta é bem mais claro: estes atingem as nascentes do Paiva e do Vouga, ocupando os *plateaux* da Nave, Montemuro, até ao Douro (Veja-se a título de exemplo, a Mamoa de Chão do Brinco, Tendais, Cinfães)³⁷ e, não muito distante, para Norte-Nordeste, encontramos a necrópole do Juncal, que conta com um dólmen de corredor tipicamente beirão: câmara poligonal com ampla laje de cabeceira, ladeada pelos esteios formativos e corredor longo.

Em qualquer dos casos trata-se de sepulturas duplamente diferenciadas,

³⁵ Com. de Eduardo Jorge Lopes da Silva ao Seminário de Megalitismo, do Mestrado em Arqueologia, em 26 de Fevereiro de 1991.

³⁶ Apesar da forte densidade de *tumuli* que caracteriza a região, não temos conhecimento de qualquer outro monumento de corredor, embora não seja improvável a sua existência. Contudo, como na maioria dos casos as mamoas se apresentam muito violadas, torna-se difícil, à simples observação detectar a existência de tais tipos arquitectónicos.

³⁷ Vid. a nota 35.

em planta e alçado (o aparente prolongamento, no dólmen 1 da Portela da Anta, da câmara pelo corredor, é uma consequência mecânica, fruto da pressão da estrutura monticular sobre a sepultura, tendo originado em consequência a “fuga” para a frente dos esteios da câmara). Os corredores dos dólmens contêm esteios que aumentam de tamanho à medida que se aproximam da câmara sepulcral (em Carvalho Mau 1, o corredor alarga-se à medida que se aproxima da câmara).

c) Câmaras poligonais, tendencialmente circulares, com corredores médios

Trata-se de um “grupo” de monumentos muito restrito em número, conhecendo-se apenas um exemplar, o Dólmen de Antelas, localizado na “vertente sudeste da Serra das Talhadas”³⁸ (CASTRO *et al.*, 1957: 325). Embora a câmara possua laje de cabeceira, de acordo com a planta e os alçados de Albuquerque e Castro *et al.* (CASTRO, 1957: 327) (Est.II, 15), a mesma não parece destacar-se no conjunto dos esteios que formam aquela, como acontece por exemplo na Anta do Juncal ou na Anta do Coval, em que os ortostatos se organizam de um e do outro lado da “laje mestra”. À semelhança dos corredores de outros monumentos, com câmaras poligonais e corredores longos, também aqui os esteios do corredor detêm uma altura uniforme, inferior à dos ortostatos da câmara.

Este monumento, além de determinados pormenores que o tornam num monumento ímpar³⁹, tem ainda a particularidade de apresentar a entrada da câmara marcada pela colocação de dois esteios, perpendiculares ao eixo daquela, criando deste modo duas áreas deposicionais perfeitamente diferenciadas: a câmara e o corredor (diferenciação essa bem vincada em planta e em alçado).

³⁸ Sector sud-oriental do Maciço da Gralheira, patamar dos 400/600 metros.

³⁹ O Dólmen de Antelas detém, juntamente com Aliviada 1, o melhor conjunto de arte “megalítica” não só do Centro-Norte Litoral como da Península Ibérica. Actualmente tais pinturas são inacessíveis pois foi completamente recoberto, numa acção provisória de protecção, encetada pelos seus descobridores. Em Aliviada 1, devido a vicissitudes várias que se prendem com o desrespeito, a insensibilidade e a prepotência do proprietário do terreno, o monumento sofreu um incêndio que fez desmoronar a estrutura megalítica e se nuns casos destruiu por completo algumas das pinturas, noutros recobriu-as com negro de fumo, pelo que o aspecto actual do monumento - apesar de classificado como imóvel de interesse público - é lastimável.

d) Câmaras alongadas, sub-rectangulares ou trapezoidais, com corredores curtos

Sob esta designação incluem-se dois monumentos peculiares, localizados no sector meridional da Serra das Talhadas (Maciço da Gralheira), respectivamente, no patamar dos 400/600 metros e 600/800 m: Chão Redondo 2 e o monumento da “Capela dos Mouros” ou da Portela de Carrazêdo (Est.V,2; Est.II, 8, 9).

As plantas que ambos revelam são únicas no Centro-Norte Litoral, sendo caracterizadas por Albuquerque e Castro como câmaras “trapezoidais” (CASTRO, 1959: 237; 1960: 149). Porém, uma análise atenta, e à luz dos monumentos conhecidos para toda a região, não favorece tal tipologia, agravada ainda pelo facto de a maioria dos esteios formativos de ambas as câmaras não existirem: em Chão Redondo 2 apenas foram detectados quatro esteios da câmara (a laje de cabeceira, um esteio de cada lado desta e um outro, do lado norte da câmara), o que é muito pouco, se atendermos aos, provavelmente, nove esteios que terão constituído a câmara sepulcral; na “Capela dos Mouros”, dos dezasseis (?) esteios da câmara apenas existiam *in situ* três do lado norte e a laje de cabeceira. No lado sul da câmara não foi assinalado esteio algum, o que é manifestamente insuficiente para uma definição tipológica daquela área sepulcral (CASTRO, 1959: 237)⁴⁰.

Em ambos os casos devem assim ser tomadas com as necessárias reservas as designações que apontam a tipologia dos monumentos como se tratando de sepulturas “trapezoidais”.

Embora ambas as sepulturas se aproximem em planta, independentemente das dimensões de cada uma delas, o mesmo já não acontece quando observamos os alçados. Efectivamente há diferenças nítidas entre um e outro, com os esteios aumentando à medida que se aproximam da laje de cabeceira, já a “Capela dos Mouros” apresenta diferenciação apenas ao nível da planta. É o próprio A. que nos diz que: “Os topos da cabeceira e dos esteios da câmara e galeria, (...) estão sensivelmente ao mesmo nível ...” (CASTRO, 1959: 237).

Além destes monumentos de corredor, agrupados em quatro grandes sub-tipos, mais alguns existem mas, pelo facto de apenas conhecermos as mamoaas, não os incluímos aqui. Um destes casos corresponde ao monumento mais litorâneo que se conhece para o Centro-Norte Litoral, a Mamoa de Mamodeiro. Trata-se de uma mamoa de grandes dimensões que, a crer nas informações de Alberto

⁴⁰ CASTRO, L. A. (1959), Monumento Megalítico da Capela dos Mouros (Arcas, Talhadas), “Act. I Congresso Nacional de Arqueologia”, I, Lisboa, 1959, pp. 235-241.

Souto, conteria um dólmen de corredor. Actualmente, apenas a existência de uma ampla violação que se alonga em direcção Este, parece apontar nesse sentido⁴¹.

Outros prováveis monumentos de corredor conhecem-se nas “Montanhas Ocidentais”, como Cabril/Córregos 3, implantado em *plateau* no extremo ocidental da Serra de Montemuro, ou ainda Cumieira 2, no Maciço da Gralheira, sector Nor-ocidental. Porém, em ambos os casos (como em alguns outros), as estruturas dolménicas não estão claramente presentes à vista, pelo que a possibilidade de tais mamoaos conterem estruturas funerárias de corredor são hipóteses a necessitar confirmação.

4.2 Arquitecturas “sub-megalíticas”

Neste grupo incluímos sepulturas que, embora integradas em mamoaos “clássicas”, semelhando conter câmaras megalíticas, não o são de todo. Aparentemente poderão contar-se por centenas os monumentos deste tipo, tal a quantidade de *tumuli* de médias a pequenas dimensões que existem no Centro-Norte Litoral mas, só a escavação o poderá confirmar ou não.

Os dados arqueológicos, actualmente disponíveis, já provaram que a sua ocorrência é mais significativa do que se poderia ser levado a pensar: se há região onde o termo “megalitismo” perde o seu significado, se aplicado de modo genérico, é no Centro-Norte Litoral. A comprová-lo está a densidade de estruturas funerárias que, à falta de um termo mais adequado, se pode designar por “sepulturas sub-megalíticas”.

A primeira sepultura a alertar-nos para a existência de arquitecturas “intermédias”⁴² entre as câmaras megalíticas e as não megalíticas, foi a de Cabril 2, a que se lhe seguiu a de Arreçaiço 2 - uma na Bacia Média/Alta do Paiva e a outra na Bacia do Arda. Ao compararmos estas duas sepulturas com algumas das já estudadas na região⁴³, não podemos deixar de nos interrogar perante uma certa identidade de características que apresentam entre si. Outros monumentos há ainda, passíveis de ser incluídos neste grupo como por exemplo, a Mamoa de Gestosa na Plataforma Litoral⁴⁴, a Mamoa 2 e a Mamoa 3 de Carvalho Mau, etc.

⁴¹ O monumento está a ser objecto de estudo por Fernando A. Pereira da Silva.

⁴² O termo é aqui aplicado apenas em sentido tipológico.

⁴³ Por exemplo, na Bacia do Vouga: Pedra da Moura 4/Cerqueira 3 e Souto do Coval 1 (CASTRO *et al.* 1957: 13, 14-15), (BETTENCOURT, 1988-89: 12, 19-20).

⁴⁴ JORGE, 1984: 19-38.

De todas elas, apenas conhecemos melhor as sepulturas inseridas em Cabril 2 e Arreçao 2. No primeiro caso temos uma área deposicional definida por um anel pétreo em xisto, arrancando do interior desse “contraforte” várias lajes de pequenas a médias dimensões, que se dispunham em “escama” umas sobre as outras, em posição oblíqua. Quando completa, esta sepultura deveria ter um recorte piramidal - isto na eventualidade de as lajes fecharem de encontro ao topo, ou de tronco de pirâmide (neste caso o fecho do topo seria efectuado com uma laje ou materiais percíveis).

Estruturalmente, esta sepultura assemelha-se à da “Antela do Repilau” (embora neste caso não existisse mamoa que relevasse a sepultura)⁴⁵ e com a estrutura periférica 1 de Aliviada 2⁴⁶.

Em Arreçao 2, de novo uma mamoa clássica mas, contendo uma sepultura de planta rectangular (Est.II, 11), formada por quatro lajes em xisto e rodeada por um contraforte em quartzos, com dimensões tais que o topo das lajes devia andar ao nível do topo do *tumulus*, sendo esta abertura tapada provavelmente com uma ou mais lajes.

Para as restantes sepulturas acima referidas (Gestosa e Carvalho Mau 2 e 3), desconhece-se a tipologia das câmaras funerárias, tendo os investigadores que as estudaram apenas documentado um anel lítico interno, provável contraforte.

Este grupo, para o qual já se conhecem alguns exemplares, mas que em contrapartida revela uma variabilidade tipológica acentuada, continua ainda pouco claro nas suas relações com os megalitismos da região, pelo que há que aguardar novos desenvolvimentos na investigação, de maneira a uma melhor clarificação destes tipos sepulcrais.

4.3 Arquitecturas de “tradição megalítica”

Trata-se de um grupo muito mal conhecido quer pelas dificuldades que revelam a sua detecção (a que já aludimos nas páginas anteriores), como também pelo pouco “interesse” que estes pequenos *tumuli* têm merecido por parte dos investigadores do “megalitismo”⁴⁷ que não se sentem atraídos pela “insigni-

⁴⁵ CRUZ *et al.*, 1989: 387-400.

⁴⁶ Esta sepultura tem algumas semelhanças com a “Antela do Repilau”. Porém, se de modo idêntico àquela, não possui mamoa envolvente, teve contudo um “falso *tumulus*” na medida em que foi inserida na mamoa 2 da Aliviada, pelo que é um factor que mais a aproxima das tumulações de tradição megalítica.

⁴⁷ Até ao momento em que passamos a articular o estudo das “mamoas megalíticas”, com o estudo dos *tumuli* de “tradição megalítica”, para toda a região do Entre-Douro-e-Mondego, a percentagem de monumentos deste tipo estudados, no conjunto da investigação “megalítica”, não atingia os 15%.

cância” que estas mamoas apresentam, partindo do princípio que delas não retirarão dados alguns de interesse para a compreensão do fenómeno megalítico (mas se estes *tumuli* são uma das expressões, “radical” é certo, do próprio megalitismo!).

Num total de seis sepulturas estudadas, de que já referimos a estrutura tumular, constata-se que em quatro delas: Urreira 8, Fojo 2, Monte Calvo 1 e a sepultura periférica 1 de Aliviada 2 (apesar de muito destruídas), se está perante sepulturas em cista, formadas tanto por pequenas lajes em granito, como em xisto e, nas duas restantes (sep. periférica 2 de Aliviada 2 e Cando 1) trata-se de enterramentos em fossa: no primeiro caso, escavada na massa do *tumulus* de Aliviada 2 e, no segundo caso, aberta no xisto alterado de base.

Uma outra sepultura, Monte Calvo 2, aparenta ser idêntica a Monte Calvo 1, porém, o seu estudo ainda não está concluído pelo que essa identidade deve ser tomada com as necessárias reservas.

4.4. Estruturas complementares das sepulturas

Além dos espaços deposicionais funerários, simples ou com corredor, existem algumas peculiaridades arquitectónicas que devem ser tomadas em consideração e que, podendo não estar todas directamente relacionadas com a prática da inumação, os complementam porém.

Nos monumentos do Centro-Norte Litoral já estudados, há que referir a existência das seguintes estruturas complementares: revestimentos internos das áreas sepulcrais, lajeados de “circulação”, átrios, muretes, “antenas” e “degraus”.

A existência de revestimento dos espaços deposicionais, internos, das câmaras funerárias e ou dos corredores, apresenta uma grande lacuna na região, na sequência dos revolvimentos profundos e continuados que os monumentos invariavelmente sofreram. Daí que, apenas num caso, tenhamos documentada a sua existência: na câmara da Pedra da Moura 6 (CASTRO *et al.*, 1957: 14)).

Já para os lajeados de “circulação”, embora a documentação também não seja abundante, estão pelo menos bem documentados em dois *tumuli*: na Mamoia 2 da Aliviada e na Mamoia 2 de Monte Calvo⁴⁸. O aspecto visual destes empedrados é o de uma “aba” periférica, circundando o montículo funerário, como que fazendo o prolongamento horizontal da carapaça de cobertura.

⁴⁸ Trata-se de uma mamoia não megalítica (de tradição megalítica), a qual se encontra ainda em estudo, pelo que só no final dos trabalhos ficará cabalmente esclarecida a existência de tal “lajeado” periférico.

A existência de “átrios” está apenas bem documentada na Mamoa da Portela da Anta, defronte do dólmen de corredor (PANTA.I.1). Parece ser uma estrutura complementar típica dos espaços deposicionais funerários com corredor, particularmente naqueles que possuem corredores médios/longos - a Mamoa 4 de Alagoas, embora contenha um dólmen de corredor (médio), não possui átrio algum, “abrindo-se” aquele directamente no *tumulus*. É ainda provável que os monumentos Pedra da Moura 1/Cerqueira 1 e Ouguedêlo, tenham sido dotados de átrios. Contudo, para o primeiro é impossível a sua identificação já que a entrada do corredor foi destruída pelo alargamento do estradão (hoje estrada alcatroada) e, no segundo, a ausência de escavações modernas tornam de momento inviável o esclarecimento da sua existência⁴⁹.

A partir dos dados recolhidos no átrio do dólmen 1 da Mamoa da Portela da Anta, parece claro que tais espaços se destinavam a acções de carácter ritual, carregados de simbolismo mágico-religioso, como o demonstra o ter-se aí assinalado algum espólio lítico (pontas de seta e lâminas) e cerâmica.

Relacionado com este átrio temos a existência de um murete em pedra-seca, de planta semi-circular e de dupla face, formando um proto-aparelho, defronte do corredor daquele dólmen e que delimita o próprio átrio. Não foi detectada passagem alguma que possibilitasse o acesso ao átrio por ele definido. A sua associação ao átrio parece indesmentível, devendo datar da época da construção do dólmen de corredor, altura em que se deu a monumentalização da mamoa inicial (PANTA.I.2).

Provavelmente relacionadas com a monumentalização daquela mamoa, foram construídos dois prolongamentos pétreos ou “antenas”, defronte da área da mamoa onde se abre o dólmen de corredor.

Uma outra estrutura complementar, referida para as sepulturas da região recolhêmo-la em Albuquerque e Castro⁵⁰. Ao descrever a escavação que efectuou no “Monumento Megalítico da Capela dos Mouros”, aquele A. refere que a entrada do corredor “apresentava a particularidade de ter um degrau pelo lado de fora.” (CASTRO, 1959: 238). Em todo o Centro-Norte Litoral não se conhece outro exemplar.

⁴⁹ É provável que o dolmen inserido na Mamoa 1 da Cumeeira (SILVA, 1992: 246-247) possua um átrio defronte da entrada do corredor, pois nesse ponto a violação apresenta um recorte sub-circular, perpendicular ao corredor, como pudemos averiguar quando nos deslocamos ao local na companhia do seu descobridor.

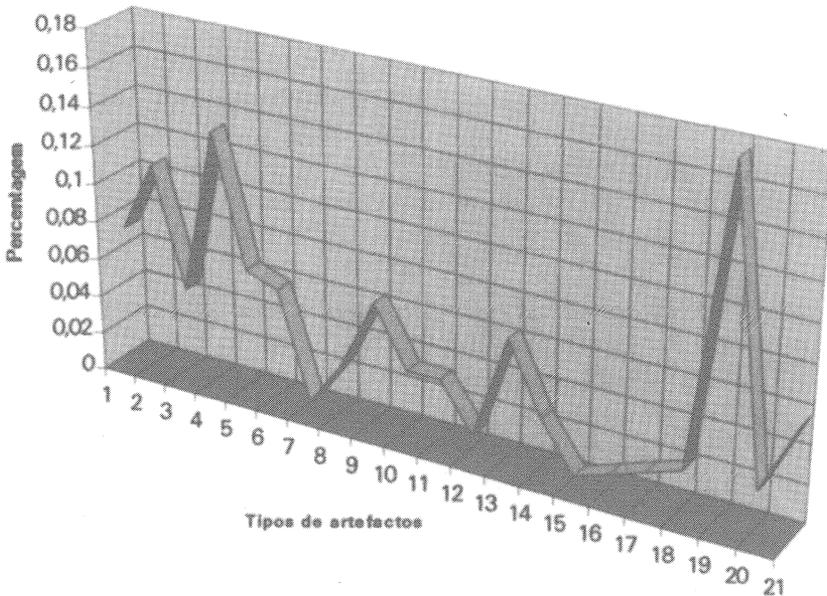
⁵⁰ Cf. *op. cit.* nota 40.

5. ESPÓLIOS

Apesar de a grande maioria dos monumentos da região de estudo apresentar o seu interior várias vezes revolvido, tal não obsta a que se detectem alguns exemplares do instrumental que acompanhou as deposições funerárias, ainda que o seu posicionamento estratigráfico seja, de um modo geral, completamente impossível.

Também pelas mesmas razões, os artefactos recolhidos durante o estudo das sepulturas sob montículo não correspondem à totalidade dos espólios funerários que terão acompanhado as deposições mortuárias. Contudo, são indicadores das tendências artefactuais das populações que aí tumularam. E, a este nível parecem sugerir uma grande uniformidade nos padrões culturais. Com efeito, não se assinala grande variabilidade nos “conjuntos” funerários.

GRÁFICO II



Distribuição cumulativa dos tipos de artefactos por *tumulus*.

Para um total de vinte e um tipos de artefactos⁵¹ (na matriz estão incluídos artefactos que, embora ausentes do Centro-Norte Litoral, estão documentados para regiões periféricas: punhais e goivas) facilmente constatamos a percentualidade dominante dos geométricos, das lâminas e da cerâmica (esta em tal estado de fragmentação que na generalidade dos casos não permite a sua identificação tipológica), como espólio típico da maioria dos monumentos da região.

Pelo contrário, os artefactos polidos são raros nestes monumentos, parecendo apontar para uma “introdução” tardia dentro das tumulações sob montículo artificial. Mesmo as pontas de seta, que são um artefacto bastante comum nos espólios dos monumentos de outras áreas geográficas, aqui primam pela quase ausência, detendo uma percentagem escassíssima de exemplares e de monumentos em que a sua presença se encontra documentada.

No conjunto, os espólios dos monumentos revelam assim uma tendência no sentido do microlitismo geométrico laminar, o qual, embora não exclua outros tipos de artefactos como as pontas de seta ou os machados/enxós polidos, remete-os para uma presença muito limitada, diferentemente do constatado em outras regiões.

A análise das relações entre a presença/ausência de determinados artefactos⁵² e a tipologia dos túmulos, parece apontar no sentido de uma grande antiguidade para as práticas funerárias sob mamoa, com as sepulturas a serem maioritariamente construídas num contexto em que o fundo cultural de tradição mesolítica possuía ainda uma personalidade muito forte, como o parece documentar a presença elevada de geométricos, particularmente nas variedades segmento e trapézio, de lâminas sem retoque, lamelas e restos de talhe, associados maioritariamente a elementos de adorno (contas discóides, perfuradas, em xisto).

Quanto aos restantes artefactos, ou os encontramos no contexto de reutilizações dos túmulos ou associados a sepulturas mais tardias.

Temos que para o Centro-Norte Litoral, a tradição do instrumental lítico irá perdurar até bem entrada a Idade do Bronze, estando esta documentada também pelas tumulações sub-mamoa mas onde os artefactos metálicos parecem primar pela ausência - em contrapartida, a cerâmica é uma constante nestes

⁵¹ Os artefactos são os seguintes: 1- segmentos; 2- trapézios; 3- triângulos; 4- lâminas; 5- lamelas; 6- pontas de seta; 7- punhais; 8 - raspadeiras; 9- restos de talhe; 10- cristais de rocha; 11- núcleos; 12- microburis; 13- machados; 14- enxós; 15- goivas; 16- esferóides; 17- seixos; 18- moinhos manuais; 19- cerâmica; 20- metais; 21- elementos de adorno.

⁵² Associação entre geométricos (maioritariamente segmentos e trapézios), lâminas, lamelas e contas discóides, perfuradas, em xisto.

pequenos *tumuli*. Os poucos artefactos metálicos reconhecidos surgem principalmente em contextos do tipo “esconderijo de fundidor” - e nunca em associação sepulcral⁵³.

6. CRONOLOGIAS. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À grande diversidade sepulcral que se encontra documentada na região não será por certo estranha uma acentuada diacronia, cujos contornos continuam ainda sem poderem definir-se. Efectivamente, pese embora terem decorrido já cerca de 10 anos de sistemática investigação arqueológica, em caso algum foi possível recolher amostras fiáveis e suficientes que possibilitassem a datação pelo radiocarbono, com vista ao enquadramento cronológico-cultural dos vários monumentos estudados, quer no passado como no presente.

Por tal razão, as questões de cronologia no Centro-Norte Litoral continuam a manter uma grande actualidade, mesmo se para outras regiões tal assunto não fosse já considerado de grande prioridade, nos finais dos anos setenta, como o demonstram as palavras de P.-R. Giot: “*Les questions de chronologie commencent (...) à perdre de leur actualité, grâce aux progres recents des diverses techniques de détermination d'âge, qui viennent se conforter les unes les autres.*” (GIOT, 1977: 10).

Ora, no que se refere às sepulturas sob *tumulus* no Centro-Norte Litoral, continua-se num impasse que apenas a curto prazo poderá ser de algum modo minorado, com as datações que se aguardam para os níveis de solo antigo, enterrado sob o *tumulus* da sepultura 2 da Mamoa da Portela da Anta (PANTA.I.2).

Para os restantes monumentos não se possui qualquer outro dado cronológico, pelo que abordá-los a tal nível se torna problemático, já que se tem que recorrer a análises eivadas de grande subjectividade como as representadas pelas “cronologias” relativas.

Apesar de tal situação, e sem entrarmos em questões de pormenor, parecem-nos provável que o aparecimento das práticas funerárias sob montículo artificial não deverá afastar-se muito do que se encontra documentado para outras regiões, ou seja pelos meados/finais do IV milénio a. C., atingindo-se o apogeu de tais tumulações pelo III milénio a. C., como o parece documentar a existência

⁵³ Apenas em dois casos temos indicação da associação metais/sepulturas: uma “allène”, ou sovela em cobre, na entrada do corredor de PANTA.I.1. e dois fragmentos de lâmina de ouro, também num monumento de corredor, Pedra da Moura 1/Cerqueira 1 (actualmente desconhece-se o paradeiro destes fragmentos de “diadema de ouro”, no dizer de Albuquerque e Castro *et al.* (CASTRO, 1957: 11). Para os restantes achados desconhecemos os contextos respectivos, embora maioritariamente sejam achados ocasionais de superfície.

de sepulturas de corredor (se bem que escassas), acompanhadas pela pervivência das câmaras poligonais de plantas diversificadas.

Desconhece-se para a região considerada a forma que terá revestido o proto-megalitismo porém, a fazer fé no espólio mais comum, assinalado na maior parte das sepulturas e no dimensionamento destas, parece configurar-se a existência de pequenas câmaras sepulcrais com espólios basicamente constituídos por artefactos geométricos laminares (segmentos, trapézios e mais raramente triângulos), de que estarão ausentes as pontas de seta, os artefactos polidos e até mesmo a cerâmica (esta, embora atinja um “pico” percentual elevado, no conjunto das sepulturas sob *tumulus* (Gráfico II), tanto pelo tipo de pastas, como pelo tratamento das superfícies e algumas poucas formas, aparenta situar-se já em época avançada daquelas práticas funerárias, provavelmente já na Idade do Bronze, exceptuando-se porém monumentos como Calvário 1, com cerâmica penteada; Aliviada 2, Urreira 7 e Castelo 1, com cerâmica campaniforme (se bem que os fragmentos cerâmicos atribuíveis ao campaniforme, naqueles dois primeiros monumentos, possam já também ser correlacionáveis com a Idade do Bronze).

A título de conclusão provisória, parece-nos ser de realçar a vitalidade expressa no polimorfismo das áreas deposicionais funerárias sob montículo artificial, que em grande percentagem encontramos distribuídas pela região, documentando uma diacronia larga, mas também o ponto de encontro de vários “megalitismos” que, num expressivo sincretismo, se não conduziram a formas particulares de sepultura (em plantas e alçados), deixaram-nos pelo menos conjuntos artefactuais peculiares, em que a forte tradição mesolítica (?) está maioritariamente presente.

O prosseguir dos trabalhos na região por certo virá aclarar muitas das questões em aberto e formular outras, relegando mesmo algumas delas para o “subconsciente”, num processo ininterrupto de investigação em que “a aprendizagem através do ensaio e do erro (...) é sempre uma aventura” (POPPER, s/d: 17), mas sem a qual não nos poderemos dedicar ao essencial: à análise das relações causais materializadas nos *tumuli* da região.

(*Inverno/Primavera de 1993*)

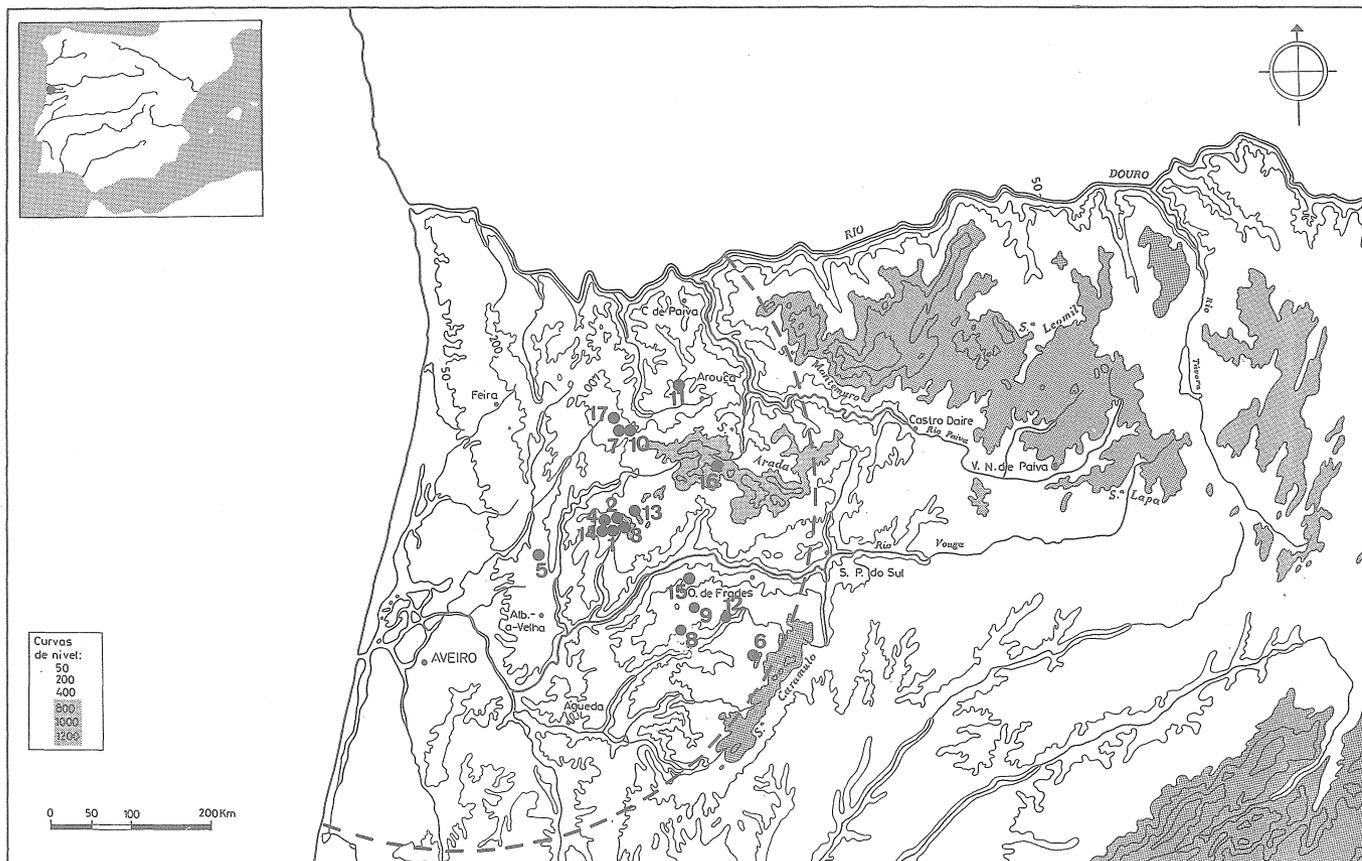
BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE E CASTRO, L. *et al.* (1957a), Acerca dos monumentos dolmênicos da Bacia do Vouga, “*Associación para o Progresso das Ciências*”, Coimbra, 1956, 15 pp., I Est.
- Idem (1957b), O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades), “*Com. Serv. Geol. Portugal*”, XXXVIII, Lisboa, pp.325-346, XI Est.

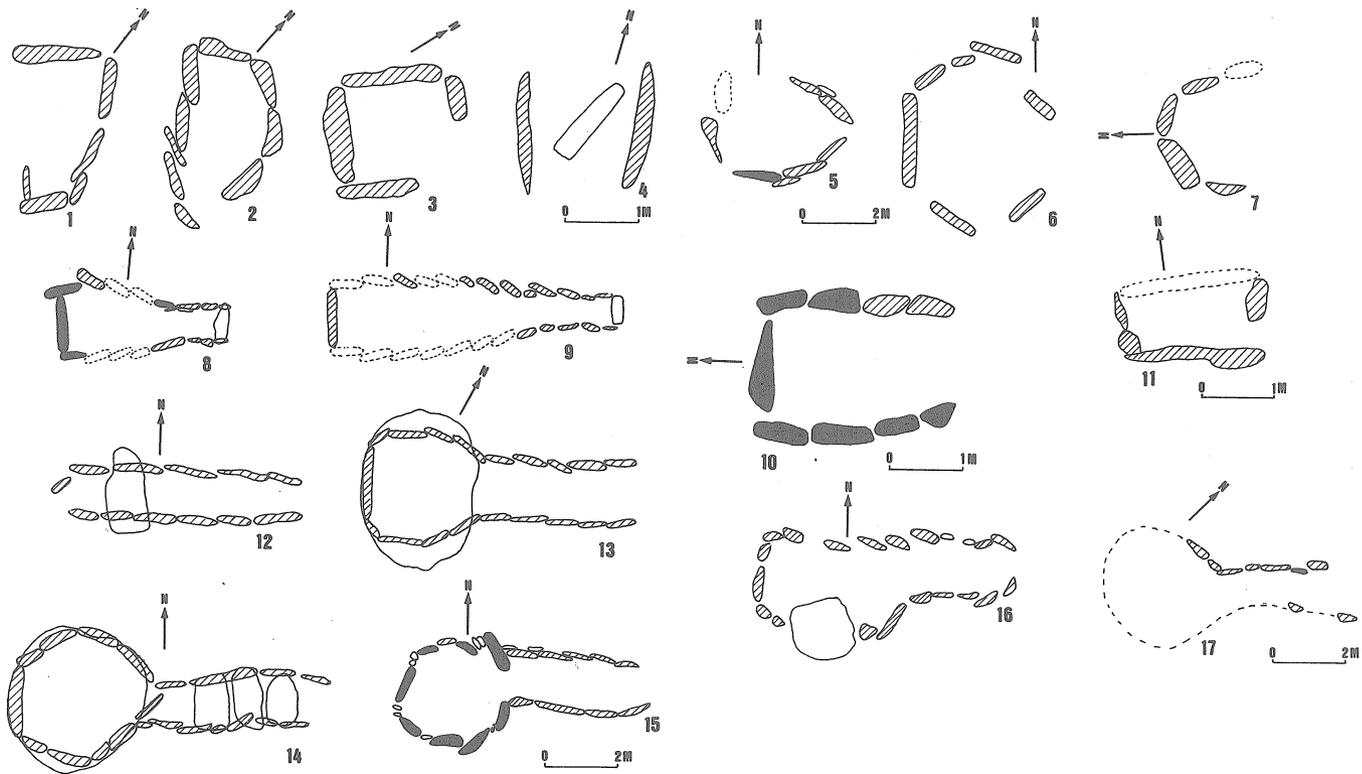
- ALBUQUERQUE E CASTRO, L. (1959), Monumento Megalítico da Capela dos Mouros (Arcas, Talhadas), "Act. I Cong. Nac. Arq.", I, Lisboa, pp. 235-241.
- Idem (1960), Monumentos Megalíticos de Chão Redondo, "Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro", XIV, 1-2, pp. 145-174, VII Est.
- BETTENCOURT, A. (1982), A propósito de um vaso tronco-cónico do Museu de Aveiro, "Arqueologia", 5, GEAP, Porto, pp. 40-43.
- Idem (1989), Campanha de escavação e consolidação da Mamoa 1 da Cerqueira (Serra do Arestal- Sever do Vouga), "Arqueologia", GEAP, Porto, pp. 85-113.
- Idem e REBELO, T. M. H. (1988/89), Monumentos megalíticos da Serra do Arestal (Sever do Vouga-Vale de Cambra). Inventário preliminar, "PORTUGALIA", N/S, IX-X, Porto, pp. 7-30, VIII Est.
- CARRINGTON DA COSTA, J. e TEIXEIRA, C. (1957), Carta Geológica de Portugal na Esc. 1/50.000. Notícia Explicativa da Folha 9-C, Porto, Serv. Geol. Portugal, Lisboa, 38 pp.
- CORREIA, A. et al. (1986), *Castro Daire*, Ed. Câmara Municipal de Castro Daire, Viseu, 442 pp.
- CRUZ, D. J. et al. (1989), Escavação da Antela do Repilau (Couto de Cima, Viseu), "Beira Alta", XLVIII, 3-4, Viseu, pp. 387-400.
- FERREIRA, D. B. (1978), Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia, "Memórias do Centro de Estudos Geográficos", 4, Lisboa, 374 pp., XXXI Est.
- FERREIRA, D. B. (1981), Carte Géomorphologique du Portugal, "Memórias do Centro de Estudos Geográficos", 6, Lisboa, 53 pp., 1 Carta.
- GIOT, P.-R. (1977), Le rituel funéraire, les mégalithes et la religion néolithique, "L'Architecture Mégalithique", Vannes, pp. 7-14.
- GIRÃO, A. A. (1921), *Antiguidades pré-históricas de Lafões*, Coimbra, pp. 30-68.
- Idem (1922), *Bacia do Vouga. Estudo Geográfico*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 187 pp.
- Idem (1951), Evolução Morfológica da Região do Baixo Vouga, "Boletim do Centro de Estudos Geográficos", 2-3, Coimbra, pp. 75-85.
- JORGE, S. O. e JORGE, V. O. (1990), Trois millénaires de vie préhistorique dans le Nord du Portugal: des bâtisseurs des premiers dolmens aux sociétés hiérarchisées du Bronze Final, "Revista da Faculdade de Letras", II Série, VII, Porto, pp. 325-333.
- JORGE, V. O. (s/d), *Contributo para um léxico do megalitismo*, FLUP, Porto, 5 pp. (dactilografado).
- Idem (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto - Os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu*, Diss. Dout. FLUP, II vols., Porto.
- Idem (1984), Escavação da mamoa de Gestosa (Sandim, Vila Nova de Gaia), "Act. Jornad. Hist. Loc. Reg. V.N.G.", II, Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, V.N. Gaia, pp. 19-38.
- Idem (1986), Monumentalização e necropolização no megalitismo europeu, "Trab. Antropol. Etnol.", 26, 1-4, Porto, 233-237.
- Idem (1987), Materiais provenientes de dólmenes de Escariz, Arouca (escavações de Domingos de Pinho Brandão), "Cadernos de Arqueologia", Série II, 4, Braga, pp. 211-226.
- Idem (1989), Arqueologia Social dos Sepulcros Megalíticos Atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais, "Revista da Faculdade de Letras - História", II Série, VI,

- Porto, pp. 365-443.
- LADEIRA, Pe. F. D. (s/d), *Município de Águeda*, 2 vols., Águeda.
- MEDEIROS, A. C. *et al.* (1964), Carta Geológica de Portugal, na Escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 13-B, Castelo de Paiva, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 61 pp.
- MOITA, I. (1966), Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta, "*Ethnos*", V, Lisboa, pp. 189-277, XX Est.
- MOURA, A. R. (s/d), *Património Natural e Cultural da Serra da Freita*, Ed. da Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, Arouca, 12 pp.
- PEREIRA, E. e GONGALVES, L. S. (1980), Carta Geológica de Portugal na Escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 13-D, Oliveira de Azeméis, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 68 pp.
- POPPER, K. L. e LORENZ, K. (s/d), *O futuro está aberto*, 2.^a Ed., Ed. Fragmentos, Lda., Lisboa, 188.
- RIBEIRO, O. *et al.* (1943), Nota preliminar sobre a morfologia do maciço da Gralheira, "*Bol. Soc. Geol. Port.*", III, 1-2, Porto, pp. 81-85.
- RIBEIRO, O. (1986), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 4.^a Ed., Liv. Sá da Costa Editora, Lisboa, 189 pp.
- Idem *et al.* (1987), *Geografia de Portugal. I. A Posição Geográfica e o Território*, Ed. João Sá da Costa, Lisboa, 334 pp.
- ROCHETTE-CORDEIRO, A. M. (1991), *Alguns Aspectos da Morfologia Granítica do Maciço da Gralheira, Livro-guia da visita de estudo à Serra da Freita*, Inst. Est. Geog., FLUC, Coimbra, 45 pp.
- SILVA, A. M. S. P. (1992), Prospecção sistemática no planalto da Freita (Aveiro/Viseu). I. Monumentos megalíticos e de tradição megalítica - primeiros resultados, "*Trab. Antropol. Etnol.*", 32, 1-4, Porto pp. 235-254.
- SILVA, E. J. L. (1990), Primeira notícia da escavação de emergência do núcleo megalítico de Carvalho Mau (S. Pedro do Paraíso-Castelo de Paiva), "*Rev. Ciênc. Hist.*", V, Univ. Portucalense, Porto, pp. 7-22.
- SILVA, F.-A. P. (1985), Monumentos megalíticos da freguesia de Escariz (Arouca). Ponto da situação à luz dos primeiros trabalhos, "*Trab. Antropol. Etnol.*", 26, 1-4, Porto, pp. 51-74.
- Idem (1987a), Escavação da Mamoa 2 da Aliviada (Alviada) - Escariz - Arouca 1984, "*Arqueologia*", 15, GEAP, Porto, pp. 77-91.
- Idem (1987b), O Megalitismo da Bacia do Arda (Concelho de Arouca) e o seu relacionamento com o meio físico: contributo para o estabelecimento de um modelo explicativo locacional, "*Act. I Col. Arq. Viseu*", Viseu, 1990, pp. 99-110.
- Idem (1988), A Mamoa 4 da Aliviada, Escariz-Arouca, "*Trab. Antropol. Etnol.*", 28, 1-2, pp. 137-143, VI Est.
- idem (1989a), Mamoa 1 do Calvário. Escariz-Arouca, "*Arqueologia*", 19, GEAP, Porto, pp. 72-84.
- Idem (1989b), Escavação das mamoas 7 e 8 da Urreira, Escariz - Arouca - 1987, "*Revista de Guimarães*", XCIX, Guimarães, pp. 290-318.
- Idem (1990), O Dólmen 1 da Mamoa da Portela da Anta, Albergaria da Serra (Arouca): estudo preliminar, "*Act. II Col. Arq. Viseu*", Viseu, no prelo.
- Idem (1992), A necrópole megalítica do Taco (Albergaria-a-Velha), "*Trab. Antropol. Etnol.*", 32, 1-4, Porto, pp. 263-292, XXII Est.
- TEIXEIRA, C. *et al.* (1962), Carta Geológica de Portugal na Esc. 1/50 000. Notícia

- Explicativa da Folha 13-A, Espinho, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 28 pp.
- TEIXEIRA, C. e ASSUNÇÃO, C. T. (1963), Carta Geológica de Portugal na Esc. 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 13-C, Ovar, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 18 pp.
- TEIXEIRA, C. *et al.* (1969), Carta Geológica de Portugal na Esc. 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 14-A, Lamego, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 67 pp.
- TEIXEIRA, C. e ZBYSZEWSKY, G. (1976), Carta Geológica de Portugal na Esc. 1/50 000, Notícia Explicativa da Folha 16-A, Aveiro, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 39 pp.
- VASCONCELOS, J. L. (1898), Dólmen de Espírito-Santo de Arca (Beira Alta), "*O Arqueólogo Português*", IV, 10-12, Lisboa, pp. 338.
- VEIGA, P. B. (1990), *Talhadas. Monografia de uma terra*, Águeda, 183 pp.



Esboço altimétrico do Entre-Douro e Mondego: a tracejado, delimitação do Centro-Norte Litoral de Portugal. A numeração corresponde aos seguintes *tumuli*: 1 – Cerqueira 3; 2 – Souto do Coval; 3 – Cerqueira 2; 4 – Pedra Moura 6; 5 – Taco 1; 6 – Paranho d’Arca; 7 – Aliviada 2; 8 – Chão Redondo 2; 9 – Capela dos Mouros; 10 – Aliviada 1; 11 – Arreção 2; 12 – Casa da Orca; 13 – Anta do Coval/Ouguedêlo; 14 – Cerqueira 1; 15 – Antelas; 16 – Portela da Anta I.1; 17 – Alagoas 4.



Plantas de algumas sepulturas sob *tumulus* do Centro-Norte Litoral.

1 – Pedra de Moura 4/Cerqueira 3 (Seg. CASTRO *et al.*, 1957); 2 – Souto do Coval 1 (Seg. CASTRO *et al.*, 1957); 3 – Pedra da Moura 5/Cerqueira 2 (Seg. CASTRO *et al.*, 1957); 4 – Pedra da Moura 6 (Seg. CASTRO *et al.*, 1957); 5 – Taco 1 (Seg. SILVA, 1992); 6 – Paranho d'Arca (Seg. VASCONCELOS, 1898); 7 – Aliviada 2 (Seg. SILVA, 1987); 8 – Chão Redondo 2 (Seg. CASTRO, 1960); 9 – Capela dos Mouros (Seg. CASTRO, 1959); 10 – Aliviada 1 (Seg. SILVA, s/d); 11 – Arreçaiço 2 (Seg. SILVA, s/d); 12 – Casa da Orca (Seg. GIRÃO, 1921); 13 – Anta do Coval/Ouguedêlo (Seg. GIRÃO, 1921); 14 – Pedra da Moura 1/Cerqueira 1 (Seg. CASTRO *et al.*, 1957); 15 – Antelas (Seg. CASTRO *et al.*, 1957); 16 – Portela da Anta I.1 (Seg. SILVA, s/d); 17 – Alagoas 4 (Seg. SILVA, 1989).



Fig. 1 — Dolmen de Paranho de Arca ou de Espírito Santo de Arca (Oliveira de Frades). (Fot. do A.).



Fig. 2 — Dolmen da Mamoa 1 da Aliviada, Escariz (Arouca). (Fot. do A.).



Fig. 1 — Dolmen de Ouguedêlo, também designado «Anta do Coval»,
Vale de Cambra. (Fot. do A.).



Fig. 2 — Dolmen da Pedra da Moura 1 ou Cérqueira 1 (Sever do Vouga).
(Fot. do A.).



Fig. 1 — Dolmen 1 da Mamoa da Portela da Anta, Albergaria da Serra (Arouca).
(Fot. do A.).



Fig. 2 — Monumento 2 de Chão Redondo, Arcas, Talhadas (Sever do Vouga).
(Fot. do A.).